



A entrevista de FHC foi precedida de negociações para evitar ataques hackers e da montagem de estúdio com 4 câmeras no Alvorada

# Transmissão mobilizou 50 profissionais

*Agilidade permitiu que 20 mil usuários tivessem acesso à sala de bate-papo*

JOÃO BOSCO RABELLO

**B**RASÍLIA – Para os milhares de internautas que acompanharam ontem de manhã a primeira entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso na Internet, foi mais um capítulo da recente história da rede mundial de computadores. Por trás dessa aparente simplicidade, no entanto, foi armada uma verdadeira “operação de guerra”.

De início, os jornalistas do Grupo Estado e do portal Terra diretamente envolvidos com a operação imaginaram-se diante de uma tarefa nobre, mas de simples execução. Ou, pelo menos, pouco diferente do modelo clássico das entrevistas, em que o trabalho preliminar visando a um bom conteúdo editorial é garantia de êxito da missão jornalística. Afora as negociações prévias que visavam a garantir a segu-

rança da rede de informática do Palácio do Alvorada contra a ação dos hackers, nada mais parecia suficientemente importante para provocar maiores preocupações.

As portas do Alvorada foram abertas uma semana antes, para escolha e preparação do local da entrevista. O que se imaginava fazer em poucas horas impôs mais quatro dias de trabalho em que o acesso ao palácio, por determinação presidencial, foi quase irrestrito.

Começaria aí a sucessão de surpresas para os jornalistas:

em vez de uma câmera para a gravação e transmissão ao vivo das imagens, seriam necessárias quatro câmeras e, conseqüentemente, quatro operadores. É que, como a resolução da imagem na Internet é precária, em relação à TV, usaram-se câmaras fixas – e não móveis – para a transmissão das imagens em vídeo.

Além disso, como o presidente não iria digitar suas respostas, impunha-se a presença de dois ou mais digitadores qualificados para fazê-lo. Mas o primeiro teste mostrou a inviabilidade disso: nem dez digitadores conseguiriam acompanhar a velocidade da fala de Fernando Henrique. O jeito foi trabalhar com quatro taquígrafas-digitadoras que, por sua vez, impuseram a instalação de mais quatro microcomputadores no local onde já haviam seis para controle da entrevista pelos analistas de sistema.

Os taquígrafos trabalhavam em sistema de rodízio, revezando-se na captação e digitação da fala do presidente. A operação garantiria a transmissão de texto em tempo quase real, com defasagem de minutos, agravada no caso específico da entrevista do presidente, pela necessidade de validação dos textos por um assessor

da confiança de Fernando Henrique, que confere a fidelidade da redação do digitador com a fala presidencial.

**Links** – Uma unidade móvel da Radiobrás estacionada nos jardins atrás da biblioteca presidencial dava suporte técnico à transmissão. Ela pilotava os links com Embratel e Telebrás. Mais dois fotógrafos do Grupo Estado se juntariam à equipe que, a esta altura, já superava os 20 profissionais, somados os analistas de sistema, técnicos de áudio e auxiliares de toda a sorte. A assessoria presidencial começava a ficar preocupada com o número de pessoas que estariam no Alvorada para uma entrevista que se anunciara simples.

No fim, o cenário era inacreditável: 50 profissionais, entre técnicos, analistas, fotógrafos, cinegrafistas, taquígrafos, seguranças e “até jornalistas”, como ironizou um assessor, concentravam-se em torno de um estúdio improvisado ao lado da biblioteca do palácio, num salão de cem metros quadrados. (Agência Estado)

**I**MAGENS  
FORAM  
VEICULADAS  
EM VÍDEO